

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

BRENDA TAROUCO MARTINS

***CONTRA AÇÃO: A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM NARRATIVA
TRANSMIDIÁTICA***

**SÃO BORJA
2021**

BRENDA TAROUCO MARTINS

***CONTRA AÇÃO: A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM NARRATIVA
TRANSMIDIÁTICA***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo
da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção
do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Roberta Roos
Thier

**São Borja
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M386c Martins, Brenda Tarouco
Contra Ação: A Violência Obstétrica em Narrativa
Transmidiática / Brenda Tarouco Martins.
37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2021.
"Orientação: Roberta Roos Thier".

1. Violência Obstétrica. 2. Jornalismo. 3. Reportagem.
4. Narrativa Transmídia.

BRENDA TAROUÇO MARTINS

CONTRA AÇÃO: A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM NARRATIVA TRANSMIDIÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: Trinta de setembro de dois mil e vinte um. Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Roberta Roos Thier
Orientadora
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Alciane Nolibos Baccin
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Sara Alves Feitosa
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA**,
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 01/10/2021, às
10:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as
normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROBERTA ROOS THIER**,
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 01/10/2021, às 15:08,
conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais
aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS**
BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 03/10/2021,
às 23:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as
normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o
código verificador **0628685** e o código CRC **308D4709**.

AGRADECIMENTOS

Acredito que esse momento seja um dos mais gratificantes da minha vida, que por mais difícil que pareça, me deixa até mesmo sem palavras.

Sempre imaginei como escreveria este tópico, afinal, seria o último, o restante do trabalho estaria pronto e seria fácil expor todos os meus sentimentos de gratidão aqui, mas não é. Não mesmo.

Não poderia deixar de começar esses agradecimentos, aos meus pais. Rosana Tarouco é a mulher mais incrível que já conheci (há grandes chances que eu jamais conheça alguém assim), ela é colo, cafuné em dias difíceis, conversas aleatórias e risadas altas. A maior incentivadora dos meus sonhos e da minha independência. Renato Martins é doce, amigável, puro sentimento. Sempre se mostrou orgulhoso com cada passo que eu dava durante a vida, por menor que ele fosse, ele é pai de verdade. O mundo não seria igual sem eles, isso eu tenho certeza.

Ao meu pequeno Bernardo, que chegou 20 anos depois de mim, mas me ensinou muito mais do que pode imaginar. Caso você leia isso um dia, espero que possamos estar compartilhando muitas histórias bonitas juntos, afinal você chegou para mudar a vida de todos.

Durante a graduação, tive nomes de extrema importância que preciso citar por aqui. Posso começar com Gabrielle Yasmin. Gabrielle foi *roommate*, ouvinte, colo, parceira de viagem e compartilhamento de sonhos. Não somente a faculdade, como a vida não seria a mesma sem o nosso encontro. Obrigada por tanto.

Ao meu grupinho especial ABCD. Ana Paula é sinceridade, companheirismo, força e lealdade. Não há um único dia que eu não sinta falta da nossa cumplicidade durante a rotina da faculdade. Danielle Vaz é amor. Assim que eu a descrevo. Danielle me ensinou e me ensina todos os dias sobre a vida. Crystian Oliveira é o encontro perfeito. A minha versão. A minha pessoa. Não imagino uma vida tão divertida longe de vocês, até mesmo nos piores momentos.

Maria Eduarda Perin, Carlos Catelan, Gabriel Pujol e Otávio Tinoco também fizeram parte dos meus dias, cada um da sua forma, mas a minha admiração por todos é gigante.

Enoc Junior, Vivian Ayala e Junior Blanco têm um espaço reservado na minha memória por tantas histórias boas de terem sido vividas. Obrigada por dias incríveis ao lado de vocês, desde um convite para um sorvete na praça, até conversas, festas e viagens maravilhosas.

À minha banca, que foi pensada antes mesmo desse trabalho começar. Roberta Roos foi o meu encontro. Desde que a vi, sabia que seria ela. Sincera, forte e conselheira. Depositou confiança em mim até mesmo quando eu não me julgava merecedora. Alciane Baccin é a fada madrinha da turma e não leva esse cargo à toa. Chegou conquistando a todos com doçura, uma risada gostosa de compartilhar e muita inspiração. Muita mesmo, talvez você nem saiba o quanto é inspiradora como profissional e pessoa. Sara Feitosa leva a minha admiração por completo desde o momento que eu a vi. Ela é forte, incentivadora e também não deve imaginar o poder que tem de mudar o dia e até mesmo a essa fase tão importante de diversos alunos. Dentro do campo docente, é necessário o meu agradecimento ao professor Leandro Comassetto. Leandro foi cuidadoso, divertido e amigável desde o início da minha graduação. Sou muito grata a nossa amizade desde o primeiro momento. Obrigada por me acompanharem nessa etapa. Eu tenho muito orgulho de ser uma eterna aluna de cada uma de vocês.

Já trazendo para a minha vida profissional, preciso agradecer a Agência Piña Colab, e cada um dos seus componentes. Trabalhar no Piña é sinônimo de amizade, compartilhamento e incentivo. Sou grata por ter no meu dia a dia pessoas tão incríveis, talentosas e que fazem a diferença. Obrigada diretoria por acreditar no meu trabalho e fazer com que eu me sinta cada vez mais capaz de correr ao lado de vocês. À equipe de criação, sem palavras para cada um e o quanto confio e torço pela realização de todos.

Nessa etapa final, não posso deixar de agradecer a quem também fez muita diferença. Nathalia Halmenschlager foi parceira, ouvinte e a melhor companhia que

eu poderia ter nesse último momento. Obrigada por tanto desde já, Nath. Temos muito o que viver juntas ainda!

Matheus Falcão, obrigada pela paciência, companheirismo e por ser paz no meu caos.

Para finalizar, não posso deixar de agradecer a minha própria coragem. Foram tantos momentos que só foram possíveis por conta dela. Noites em rodoviárias, descobrimentos de lugares novos e de quem eu mesma era. Não foi fácil sair do conforto de casa, direto para a vida real. Chegar em uma cidade desconhecida e fazê-la de lar.

Mas não tenho nenhum arrependimento quanto a isso. Muito obrigada São Borja, por me acolher e me proporcionar viver momentos tão incríveis.

Obrigada às políticas públicas que permitiram a realização deste grande sonho.

Essa conquista não é somente minha e sim de todas as pessoas que me cercam.

Obrigada. Obrigada. Obrigada.

“Para mudar o mundo, é preciso,
primeiro, mudar a forma de nascer.”

Michel Odent

RESUMO

O presente projeto experimental “Contra Ação: A Violência Obstétrica em Narrativa Transmidiática” compreende a produção em 3 etapas: Podcast, Cartilha e Produção Audiovisual. Uma narrativa transmidiática em torno da violência obstétrica e mitos e tabus que a cercam. Este trabalho tem como objetivo principal esclarecer a população sobre violência obstétrica, através de uma produção transmidiática. A proposta do trabalho vai ao encontro com o objetivo: informar mulheres de diferentes classes sociais, raças e formação. A escolha do formato se deu pela necessidade de dialogar sobre um assunto em diferentes mídias, abrangendo assim o maior número de pessoas informadas. Para isso, foi aplicada a metodologia de produção jornalística, com foco em produção de entrevistas, roteirização e edição, abordando o assunto em narrativa transmídia. As principais referências teóricas utilizadas foram: Jenkins, Salaverria, Mielniczuk e Puccini. Os dois episódios de podcasts foram publicados na plataforma de streaming Spotify, o stand-up no YouTube e a cartilha disponibilizada em pdf.

Palavras-Chave: Violência Obstétrica; Jornalismo; Reportagem; Narrativa Transmídia;

ABSTRACT

The present experimental project “Against Action: Obstetric Violence in Transmedia Narrative” comprises the production in 3 stages: Podcast, Primer and Audiovisual Production. A transmedia narrative around obstetric violence and myths and taboos that surround it. This work has as main objective to clarify the population about obstetric violence, through a transmedia production. The proposal of the work meets the objective: to inform women of different social classes, races and education. The choice of format was due to the need to talk about a subject in different media, thus reaching the largest number of informed people. For this, the journalistic production methodology was applied, focusing on interview production, scripting and editing, approaching the subject in transmedia narrative. The main theoretical references used were: Jenkins, Salaverria, Mielniczuk and Puccini. The two podcast episodes were published on the Spotify streaming platform, the stand-up on YouTube and the primer made available in pdf.

Keywords: Obstetric Violence; Journalism; Reporting; Transmedia Narrative;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira interação em busca de fontes no grupo do Facebook.....	18
Figura 2 - Entrevista com Laura Cardoso, advogada e vice-presidente do Coletivo Nacer Direito.....	21
Figura 3 - Print da publicação do podcast no Spotify.....	30
Figura 5 - Print da Cartilha.....	30
Figura 6 - Print da publicação do stand-up no YouTube.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 JUSTIFICATIVA.....	15
3 OBJETIVOS.....	16
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
4.1 Conceitos em torno da violência obstétrica.....	17
4.2 Produção jornalística.....	18
4.3 Produção transmidiática.....	19
4.4 Podcast.....	20
4.5 Produção audiovisual.....	21
4.5 Produção textual.....	22
5 METODOLOGIA.....	23
5.1 Pré-produção.....	23
5.2 Produção.....	25
5.3 Pós-produção.....	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

O momento do parto é um dos mais importantes na vida de uma mulher que decide pela maternidade. Porém, muitas vezes, ele pode ser marcado negativamente, por agressões físicas ou psicológicas.

A violência obstétrica é caracterizada por atos físicos, psicológicos e verbais, assim como procedimentos desnecessários e invasivos ao decorrer do parto. Muitas dessas práticas são consideradas “comuns” nos meios hospitalares, que vão desde negar atendimento à mulher grávida, até amarrá-la durante o nascimento do bebê. Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Sesc, em 2010, uma em cada 4 mulheres em trabalho de parto são vítimas de algum tipo de violência obstétrica.

O Brasil é campeão no número de cesarianas no mundo. Segundo dados do ano de 2014, da pesquisa Nascer no Brasil, coordenada pela Fundação Oswaldo Cruz, junto com a Agência Nacional de Saúde Suplementar, a rede privada conta com 88% de nascimentos por cesarianas, e na pública 52%. Esse número é muito maior do que o recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o mesmo declara que há necessidade de intervenção cirúrgica durante o parto em apenas 15% dos casos. Enquanto o parto natural, o qual deveria ser visto como padrão, acontece em menor número, já que há interesse econômico para que os partos sejam acelerados, pois o ganho médico é mais alto durante uma intervenção cirúrgica, enquanto que o parto natural exige mais tempo e é considerado mais “trabalhoso”.

Segundo a declaração da OMS, os desrespeitos e os maus tratos podem acontecer durante qualquer período gestacional da mulher. Mas durante o parto elas ficam ainda mais vulneráveis e essas práticas comuns aos olhos de muitos, podem deixar graves sequelas para ela e para a criança. De acordo com o site do Ministério da Mulher, da família e dos Direitos humanos, a violência obstétrica é identificada com:

Relatos sobre desrespeito e abusos durante o parto em instituições de saúde incluem violência física, humilhação profunda e abusos verbais, procedimentos médicos coercivos ou não consentidos (incluindo a esterilização), falta de confidencialidade, não obtenção de consentimento esclarecido antes da realização de procedimentos, recusa em administrar analgésicos, graves violações da privacidade, recusa de internação nas

instituições de saúde, cuidado negligente durante o parto levando a complicações evitáveis e situações ameaçadoras da vida, e detenção de mulheres e seus recém-nascidos nas instituições, após o parto, por incapacidade de pagamento. (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019, p. 1)

A OMS ainda destaca que as mães adolescentes, mulheres solteiras, de baixo nível socioeconômico, mulheres negras e as que vivem com HIV são ainda mais propensas a passar pelos abusos e maus-tratos dos profissionais da saúde.

Notando esses dados, podemos perceber que por mais que a informação esteja presente ela ainda não chega a grande parte das mulheres brasileiras. Pouco é falado e de fato ensinado a estas mulheres grávidas sobre os seus direitos antes, durante e após o parto.

Diante disso, o presente projeto experimental, traz como objetivo geral o esclarecimento da população sobre a violência obstétrica, através de uma reportagem transmidiática. Para tanto são analisados os seguintes objetivos específicos: explorar a narrativa transmídia jornalística; dar visibilidade para os casos de violência obstétrica; esclarecer sobre os direitos das mulheres antes, durante e pós-parto; debater sobre o parto humanizado com os profissionais da saúde; e apresentar os prejuízos psicológicos e físicos para as vítimas.

A decisão de escolha do tema se deu pela importância de dar voz a essas mulheres e discutir sobre esse tema, que quase não é abordado pela mídia. O assunto é debatido em diversos lugares, mas essa informação não chega a todos. Percebemos que esse debate está presente em conversas entre amigas, conhecidas, mas nunca de fato, como denúncia e principalmente, como alerta já que pode se transformar em traumas profundos.

Nesse sentido, a problemática deste trabalho volta-se para o questionamento: As pessoas sabem identificar uma situação de violência obstétrica?

Há um número alto de mulheres que passam por esses tipos de agressões, além de muitas que acreditam que são procedimentos necessários durante o parto. Desse modo, buscamos através deste trabalho, realizar uma reportagem associada a uma narrativa transmídia, que traz depoimentos, explicações de profissionais da saúde e profissionais da área jurídica, para tornar as informações sobre o assunto mais próximas da população.

2 JUSTIFICATIVA

A partir das pesquisas e observação de um cenário que já é comum no Brasil, a violência obstétrica é considerada um problema de saúde pública. Mesmo com tantas informações que vêm surgindo, esse tipo de violência continua acontecendo todos os anos.

A proposta surgiu após o caso da médica da cidade de Pelotas, em maio de 2020, que foi agredida enquanto fazia o parto de uma paciente. O marido da vítima se revoltou, ainda no hospital e a agrediu durante o trabalho de parto da esposa. Após a veiculação deste caso, dezenas de relatos de abusos de violência obstétrica tomaram conta das redes sociais. Mulheres que sofreram abusos psicológicos e físicos declararam oposição à médica pelotense. Um caso como esse que precisou ter um fim trágico, para que mulheres pudessem ser ouvidas.

O presente Projeto Experimental em formato de narrativa transmidiática visa dar voz a essas vítimas, para que elas possam relatar o que aconteceu, fazendo com que a informação seja repassada aos diferentes públicos. Além de, como a proposta é trabalhar com a transmidialidade, procurar a melhor maneira para evidenciar os modos de denunciar e esclarecer sobre as medidas que podem ser tomadas para que os direitos sejam exercidos.

Além disso, ao fazer a primeira pesquisa nos repositórios de busca, foi encontrado muitos artigos que envolvem a violência obstétrica da área da saúde, mas poucos abordavam o assunto no meio da comunicação.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

O objetivo deste trabalho é produzir um projeto experimental em formato de narrativa transmídia sobre violência obstétrica.

3.2 Específicos

- Explorar a narrativa transmídia;
- Dar visibilidade para os casos de violência obstétrica;
- Produzir uma reportagem transmídia sobre os direitos das mulheres antes, durante e pós o parto;
- Apresentar informações sobre o parto humanizado;
- Apresentar os prejuízos psicológicos e físicos para as vítimas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o referencial teórico do presente projeto experimental, buscou-se seis tópicos que envolvem o tema proposto e o jornalismo. Dividiu-se em: Conceitos acerca da Violência Obstétrica; Produção Jornalística; Produção Transmídia; Podcast; Produção Audiovisual e Produção Textual.

Essa divisão foi feita para que houvesse maior embasamento teórico, além de metodológico para maior entendimento da produção proposta.

4.1. Conceitos em torno da violência obstétrica

Trazendo para o tema proposto pelo projeto precisamos abordar alguns conceitos importantes que cercam o modelo obstétrico brasileiro. A violência nos processos de gestação, parto e pós parto tem sido alvo de denúncias e reflexão pelos movimentos feministas desde os anos 1980, mas foi principalmente a partir do início dos anos 2000 que esse debate atingiu uma efervescência no meio acadêmico nos órgãos governamentais e nas redes sociais no Brasil. (PALHARINI, 2017)

A violência obstétrica é uma maneira de descrever várias formas de violência durante o cuidado obstétrico profissional, nesse contexto são incluídos os maus tratos físicos, psicológicos e verbais, assim como os procedimentos desnecessários e que podem trazer maiores riscos à paciente, entre eles destaca-se o excesso de cesarianas, crescente no Brasil há décadas, apesar de algumas iniciativas governamentais sobre o assunto. (FECHINE, 2006)

Diversos pesquisadores sobre o assunto vêm mostrando que esse tipo de violência não ocorre por conta de uma equipe mal treinada ou mal intencionada, mas sim, na maioria das vezes, a realização desses procedimentos se tornam protocolos comuns de serviço de assistência obstétrica no Brasil. Por conta disso, a violência

obstétrica tem sido identificada como uma violência institucional e de gênero que já faz parte da rotina hospitalar brasileira.

Ao debatermos sobre violência obstétrica, precisamos falar sobre a Manobra de Kristeller, que é uma prática que já foi banida pela OMS, mas ainda é muito recorrente no dia a dia de diversos profissionais. Esta prática caracteriza-se por ser um procedimento agressivo, que consiste em pressionar a parte superior do útero, com a finalidade de acelerar a saída do bebê. A maior polêmica sobre esta prática está nas maneiras de como essa força é feita contra a barriga da mãe, alguns médicos empurram com as mãos, outros com os braços e até mesmo com os cotovelos. (LIMA; LOPES, 2019. p 14)

Não há estudos que comprovem a eficácia da pressão que é exercida no fundo uterino. Os riscos potenciais da manobra incluem rotura uterina, lesão do esfíncter anal, fraturas no recém-nascido e danos cerebrais, entre outros. (LIMA E LOPES Apud LEAL, 2014)

Em 2012, a Rede Parto do Princípio elaborou um dossiê sobre a violência obstétrica no Brasil, para a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Violência contra as Mulheres (PALHARINI, 2017). Nos últimos anos, diversas mulheres buscaram denunciar os abusos que sofreram por profissionais da saúde aos Ministérios Públicos Federais e Estaduais.

4.2. Produção Jornalística

O jornalismo é visto como uma ferramenta para a divulgação de notícias que tenham relevância para a sociedade. Silva (2009), explica que um jornalista tem como atividade a coleta da informação, precisa editar e publicá-la enquanto ainda são atuais. Ao pular alguma dessas etapas pode haver prejuízos à produção final do conteúdo jornalístico. A autora Magno (2006, p. 15) explica que “o fazer jornalismo é contar uma versão da história, no presente”. Diz ainda que a

reportagem é a melhor versão, a mais completa, a que vai muito além do ontem. O ontem é o tempo da notícia. Reportagem pode passear por vários tempos, é lenta na investigação e longa na escrita. Exige olhos de surpresa durante a apuração e esmero na escrita. Enche de lama a alma do repórter e carrega o leitor para outras terras, mostra-lhes o perfume e o fedor, as marias, os josés e os senhores, o lixo e o luxo destas paisagens retratam o real com tantas vozes e cena que assanha a imaginação e a reflexão de quem lê. (MAGNO, 2006. p.15)

Historicamente falando, a reportagem é um gênero privilegiado, nasceu nos Estados Unidos, no século XIX e chegou no Brasil na década de 40. (TENÓRIO; VITAL, 2013 apud. SODRÉ E FERRARI, 1986). O conceito de reportagem encontrou no país um cenário diferente do surgido nos Estados Unidos, na década de 1920 (TENÓRIO; VITAL, 2013 apud, MAGNO, 2006, p. 15). Já que o nascimento da reportagem foi uma crítica para a massificação dos textos das notícias. (TENÓRIO E VITAL, 2013).

Segundo Lage (1979), na produção de uma reportagem deve-se levar em consideração a oportunidade jornalística, sendo um fato que gera interesse no público. Segundo o autor, não é fácil definir a reportagem, uma vez que ela pode ser o complemento de uma notícia ou até mesmo fatos que não sejam considerados notícias, mas sejam de interesse do público.

4.3. Produção transmidiática

A narrativa transmidiática apresenta-se como uma possibilidade de complementação de outros meios à informação. Jenkins (2008) explica que na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor, havendo complementação entre as informações publicadas em cada mídia, mas que possam também ser consumidas de formas isoladas. “Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo.” (JENKINS, 2008, p. 135).

Salaverria (2007), complementa Jenkins ao explicar a importância de investir em diferentes formas de apresentação das notícias. Já que os jovens estão mais acostumados e têm preferência pelos conteúdos audiovisuais. A narrativa transmídia é a solução para atrair o público mais jovem, podendo dizer que é um novo padrão estético para “contar a história” de um fato jornalístico. (SOUZA; MIELNICZUK, 2009).

Mielniczuk (2005) explica sobre a abordagem das gerações de produtos jornalísticos na web. Sua referência inicial está na imprensa escrita que caracteriza a primeira geração marcada por uma transposição de conteúdos previamente apresentados no papel. A segunda geração passa pelo potencial da

hipertextualidade ao enriquecer as temáticas tratadas nas notícias e, por fim, a terceira geração apresenta a possibilidade de personalização – modelo que o jornalismo rompe com a referência ao modelo tradicional de fazer notícia: a web passa a ser utilizada em toda sua potencialidade no uso de texto, imagem, som e imagem em movimento. Jenkins ainda explica sobre o desenrolar de uma narrativa transmidiática:

Uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida para a televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração num parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo (JENKINS, 2008, p.135).

4.4. Podcast

Trazendo para conteúdos em áudio, a primeira emissora de rádio no Brasil chegou em 1923, membros da Academia Brasileira de Ciências fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora de rádio oficial do país. Com o tempo, e a convergência jornalística o rádio vem se reinventando. A internet se tornou uma extensão do que se poderia ouvir apenas com um aparelho de rádio, aos poucos foi dominando também as plataformas de streamings com os podcasts.

É importante deixar claro que rádio e podcasts não são a mesma coisa, embora ambos sejam mídias sonoras. Ferrareto e Kischinhevsky explicam sobre essa confusão e como o podcast é visto na atualidade:

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010, p. 1010)

Os podcasts surgem em 2004, Foschini e Taddei definem o termo “podcast” como:

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010, p. 1010)

Ferraz, (2020) traz um debate interessante sobre as mudanças do rádio serem boas ou não, ganham relevância quando observamos os números do mercado, já que a audiência do rádio vem caindo desde 2004.

Por outro lado, a indústria do podcast, ainda que incipiente, vem encontrando seu público. Em países cuja indústria radiofônica e o acesso à internet são melhor consolidados, os números sobre acesso e consumo de podcasts são promissores. Assim, nestes 100 anos do rádio, os caminhos da mídia sonora se dividem entre o consumo ao vivo, a companhia e a prestação de serviços que marcam o rádio desde sua popularização, e entre o acesso em tempo diferido, à conveniência do ouvinte. (FERRAZ, 2020, p.2)

Atualmente, há várias pessoas produzindo podcast, não necessariamente profissionais da comunicação, mas é notório o “boom” de informações que estamos recebendo diariamente via áudio em plataformas de streaming. Contudo, Luiz de Assis (2009) ressalta que há podcasts voltados exclusivamente à divulgação de notícias, tanto gerais quanto de temas específicos ou de nicho.

4.5. Produção audiovisual

As produções audiovisuais têm se reinventado constantemente. A internet fez com que essas produções fossem pensadas de formas completamente diferentes das que estávamos acostumados com as televisões.

Para compreender as narrativas jornalísticas, é preciso reconhecer que há maneiras diferentes de trabalhar materiais audiovisuais.

O telejornalismo vem buscando maior proximidade dos telespectadores, já que no meio da internet há tanta interação entre os internautas. Um desses modos é trazer cada mais, técnicas de “ao vivo” durante a programação e uma delas, muito usada atualmente são os *stand-ups*. No telejornalismo, chama-se de Stand-up toda sequência, em primeiro plano, do repórter. (FECHINE, 2006). A autora ainda defende a ideia que

como a maioria dos fatos noticiados por um telejornal não ocorre, enquanto o programa está no ar, a transmissão direta passa a ser parte fundamental de estratégias que visam simular uma proximidade temporal entre a sua ocorrência e sua transmissão pelo telejornal. A configuração do tempo atual está associada a essas situações nas quais um repórter entra “ao vivo” para falar de algo que ele próprio situa em um momento anterior (passado) em relação ao presente do telejornal. (FECHINE, 2006, p.2)

Esses ao vivos tem o poder de aproximar o telespectador, do fato que está sendo noticiado, principalmente por “prender a atenção” do mesmo, já que há trocas de cenários e câmeras.

4.6. Produção textual

A produção textual jornalística é bastante ampla. Já que atualmente, ela pode ser dividida entre produção online, impresso, para rádio e televisão. No presente trabalho, a linguagem escolhida manteve-se entre o impresso e o online.

A cartilha apresentada precisou ter uma linguagem, para que os objetivos propostos no trabalho fossem atingidos. Dessa forma apresenta-se acessível para diversos públicos.

A produção textual presente no projeto experimental se deu sobre a importância de se trabalhar com um assunto com diversas vertentes, inclusive unindo a linguagem do online, uma linguagem mais acessível e leve, como de forma clara e objetiva para o impresso.

5 METODOLOGIA

Gil, (2008) define que qualquer tipo de pesquisa deve seguir algum critério e para a execução deste projeto experimental foram realizadas dois tipos de pesquisas: bibliográfica e exploratória.

No primeiro momento, durante a pesquisa bibliográfica, foi pesquisado conteúdos acadêmicos da área de saúde, abordando parto humanizado, violência durante o parto e técnicas ultrapassadas para a realização do mesmo. Além disso, tivemos como pesquisa bibliográfica abordagens sobre narrativa transmídia, conceitos de podcast, produção audiovisual e textual.

Como uma pesquisa exploratória depende de uma boa pesquisa bibliográfica, ela foi feita em seguida. Realizou-se, então, a procura de possíveis fontes para as entrevistas. Essa coleta foi feita através de grupos no Facebook, já que é uma rede social com uma disseminação rápida de informação.

O jornalismo nas redes promove uma inversão no processo tradicional de produção de notícias porque o repórter antes de sair em perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem. (MACHADO, 2003, p. 8)

Já o processo de produção jornalística, foi dividido em três etapas: Pré-produção, Produção e Pós-produção. Estes conceitos são abordados através de Puccini (2009).

5.1 Pré-Produção

Sérgio Puccini (2009) descreve o processo da pré-produção como pesquisa e foi exatamente o que fizemos. Começamos um processo de busca por possíveis fontes especializadas sobre os temas que gostaríamos de abordar em cada momento.

Começa-se a pré-produção em busca de fontes especializadas (SCHIMITZ, 2011), através de pesquisas por nomes em corpos docentes de universidades

brasileiras, em seguida foi feita uma segunda procura desses nomes na Plataforma Lattes, para entender a sua linha de pesquisa e achar uma fonte específica para o tema trabalhado.

Além disso, as redes sociais foram de extrema importância para a procura das fontes. Grupos de Facebook sobre Violência Obstétrica e perfis no Instagram que abordam o assunto, também foram consultados para a procura de nomes que pudessem compor como fontes para este presente trabalho.

A ideia inicial era contatar um psicólogo, um representante da área médica, de preferência um enfermeiro obstetra e uma advogada da área cível. No fim, obteve-se mais fontes especializadas do que o esperado. Aproveita-se a oportunidade e traz para o trabalho duas advogadas para abordar o assunto de forma jurídica. Com isso, podemos descrever fonte especializada como:

Pessoa de notório saber específico (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido. Normalmente está relacionada a uma profissão, especialidade ou área de atuação. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos (SCHMITZ, 2011, p. 24).

Para a busca de possíveis nomes de vítimas de violência obstétrica, as redes sociais foram ainda mais importantes. Na internet, as discussões sobre o assunto são feitas de forma mais explícita, mesmo que ainda haja muita “vergonha” ao falar sobre a experiência vivida. Estes grupos funcionam como um “abrigo”, um lugar acolhedor para estas vítimas. Elas trocam experiências, desabafos e até mesmo dicas do que fazer a respeito do que foi vivenciado.

Para início dessa busca, preferimos escolher um único grupo para tentar interagir com as mulheres que fazem parte dele. Escolhemos como nome: “Precisamos falar sobre violência obstétrica”.

Logo em seguida, foi pesquisado diversas páginas que tivessem como tema principal a violência obstétrica, e as que mais se adequaram à proposta do Projeto Experimental. Foi escolhida, então, uma advogada especializada na área criminal, que defende mulheres vítimas de VO.

Ainda durante a pré-produção, já havia sido pensado a possibilidade de entrevistar alguém que fosse militante da causa na internet, pesquisando perfis que

abordassem o assunto, chegou-se ao perfil da advogada Laura Cardoso, especializada em advocacia humanizada e vice-presidente do Coletivo Nacional de Enfrentamento a Violência Obstétrica, Nascer Direito. A primeira abordagem com a Laura foi feita através da ferramenta “direct” do *Instagram*, foi marcada uma entrevista e logo em seguida, ela conversou sobre os direitos das mulheres ao Parto Humanizado.

Para cada entrevistado, foram feitos questionamentos diferentes.

Enfermeira Obstetra:

1. Como a violência obstétrica pode ser caracterizada?
2. Acontece o uso de métodos ultrapassados nos partos? Quais?
3. Por que estas práticas se tornaram comuns?
4. Como os estudantes de hoje aprendem sobre essas práticas?

Vítima de Violência Obstétrica:

1. Contar o relato;
2. Teve problema antes do parto (pré natal) com algum profissional da saúde?
3. Já tinha ouvido falar sobre Violência Obstétrica antes de ser vítima?
4. Quando percebeu que tinha sido vítima da negligência médica?
5. Quais os efeitos da VO na sua vida após o parto?

Psicóloga:

1. A violência obstétrica pode ser um fator da depressão pós parto? Por quê?
2. Que consequências emocionais a pessoa vítima de VO pode apresentar?
3. Normalmente, as pessoas percebem de imediato a violência sofrida ou só percebem durante o tratamento?
4. É comum pacientes que sofrem esse tipo de violência?

Advogada Criminal:

1. Quais são os direitos das gestantes garantidos pela lei?
2. Para quem recorrer a denúncia e como?

Vice-presidente do coletivo Nascer Direito e advogada:

1. Como foi a ideia de abordar a violência obstétrica nas redes sociais?
2. Sobre o parto humanizado: quais são os direitos das mulheres parturientes?
3. Quando começou a atender casos que envolvessem VO?
4. Como o meio jurídico está entendendo denúncias como essas? Está havendo alguma melhoria?

Com isso, ainda durante a pré-produção foram escolhidas as perguntas que seriam feitas para cada entrevistado, a ordem de cada episódio de podcast, o que seria abordado em cada um e qual tema seria debatido em cada mídia.

5.2 PRODUÇÃO

Durante essa fase, os processos estão totalmente ligados às entrevistas. Como já havia sido escolhido o grupo no qual tentaria interação com as participantes, foi decidido fazer a primeira publicação. No primeiro momento, houve uma breve apresentação, para logo em seguida, contar sobre a abordagem do projeto, expondo o tema e objetivo Trabalho de Conclusão de Curso. A recepção foi muito gratificante, além de já conseguir vários contatos com mulheres que gostariam de me contar suas histórias.

Figura 1: Primeira interação em busca de fontes no grupo do Facebook



Fonte: Print de tela

Ao total foi conversado com 5 vítimas que de forma solidária contaram suas histórias e dentre elas, foi escolhida uma, que é a da Luma Gonçalves, que consta no primeiro episódio do Podcast.

Em busca de uma fonte da área da saúde, procurou-se por nomes em Corpos Docentes de cinco universidades brasileiras, como Furg, UFRGS, Unipampa, UFSC e Unisinos, sempre pesquisando logo em seguida, seus currículos Lattes, para entender as linhas de pesquisa de cada um e escolher um nome especializado para compor a reportagem. Tendo feito todo esse processo, cheguei no nome da Dra. Sandra Ebling, professora do curso de medicina na Universidade Federal do Pampa que além de ser enfermeira obstétrica também atuou como doula por um grande período da sua carreira. Por isso, foi de grande auxílio para a composição, não somente do episódio do podcast, mas também do projeto como um todo.

Em seguida, começou a busca por algum profissional da psicologia, foi feito o mesmo processo de busca da enfermeira Sandra, foi pesquisado nomes dos corpos docentes universitários e por indicação, chegou-se até o nome de Tagma Donelli, professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Unisinos. Foi de grande auxílio a participação de Tagma, já que ela tem diversas pesquisas que envolvem maternidade, saúde mental e parto, além da violência obstétrica em mulheres brasileiras.

Compondo a ideia do segundo episódio do podcast, era necessário alguém para falar do meio jurídico. O nome desta fonte já se tinha, desde a elaboração da ideia do projeto. Tiana Rojas atua na cidade de São Borja, na qual está localizada a Universidade Federal do Pampa, por isso, seu trabalho sobre o caso que ela mesmo atendeu sobre violência obstétrica já era conhecido na cidade. Por pura gentileza, Tiana aceitou falar sobre todo esse processo em uma entrevista feita por áudio.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma remota, por conta da pandemia de Covid-19, além da distância e disponibilidade de cada entrevistado.

As entrevistas das fontes que compõem o podcast, foram feitas pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, através de áudios enviados pela plataforma. Já a realização da entrevista com a advogada e ativista da causa, foi feita via Google Meet, por chamada de vídeo.

Conhecendo o perfil do Coletivo Nascer Direito e da vice-presidente, houve uma grande inspiração para escrever uma cartilha sobre os direitos das mulheres, antes, durante e após o parto. Já que era notória a importância de abordar o assunto em diferentes meios. Dessa forma, o perfil da Laura nas redes sociais e a sua entrevista foram de extrema importância para a realização da cartilha.

Sobre a execução do material textual entregue como parte do projeto, buscou-se referências sobre o assunto, além de pesquisar o que governos municipais, estaduais e até de porte federal faziam a respeito. Foi encontrado muito mais materiais detalhados sobre o assunto de universidades.

Figura 2: Entrevista com Laura Cardoso, advogada e vice-presidente do Coletivo Nascer Direito



Fonte: Print de tela feito pela entrevistada

5.3 Pós-Produção

A pós-produção se dá início no momento após a finalização das entrevistas, começando pela transcrição de todas elas. Sendo todas feitas de forma detalhada, para que não se perca nenhuma parte importante do que foi dito pelo entrevistado.

Logo em seguida, começa a produção dos roteiros de podcasts e material audiovisual. A produção deles se deu com maior facilidade, graças às entrevistas já feitas e decupadas. Os roteiros dos dois episódios de podcast, ficaram com 7 e 6 páginas, respectivamente.

Após a roteirização desses materiais, foi feita a locução do podcast e a gravação do stand-up. A locução foi feita, por conta da pandemia de covid-19, totalmente de forma caseira. A gravação só foi possível graças ao microfone do próprio celular.

Com esses materiais já completos, inicia-se a edição. Com a roteirização a edição foi feita de forma muito mais simplificada. O tom do material jornalístico era pra ser algo mais “sério” e dramático, já que o tema proposto pedia uma locução mais formal. Mas de certa forma, a linguagem utilizada foi clara, já que a proposta era chegar em diferentes públicos. Para a escolha de músicas utilizadas no podcast, foi feita uma busca na biblioteca de áudio disponibilizada pelo YouTube. Procuramos por áudios que remetessem a rotina de hospitais.

Em seguida da primeira edição feita, ainda foi passada para a revisão, para que pudessem ser novamente alterados alguns ajustes. O primeiro episódio ficou finalizado com 26min37seg, e o segundo com 17min44seg. Já o stand-up apresentado ficou com 2min25seg.

Logo após a finalização total dos materiais, chega a hora de publicá-los. A publicação dos podcasts foi feita na plataforma de streaming Spotify e o stand-up, no YouTube.

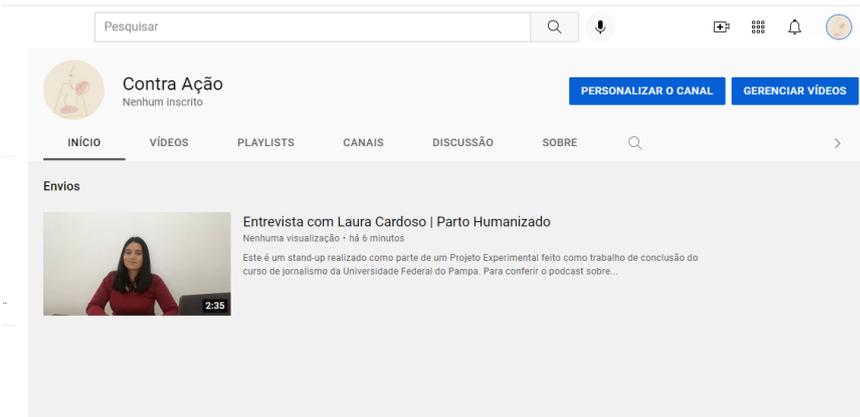
Figura 3,4 e 5: Publicação do podcast no Spotify e print da cartilha e stand-up publicado no YouTube, respectivamente.



Fonte: Print de tela



Fonte: Print de tela



Fonte: Print de tela

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção do material jornalístico apresentado, a autora teve diversas reflexões sobre o tema proposto pelo trabalho, que é a violência obstétrica, assim como de que forma a mídia brasileira vem abordando ou deixando de abordar o assunto nos meios de comunicação.

A proposta do projeto, não era apenas evidenciar relatos de violência, mas sim mostrar a solução e a busca por ajuda, caso esse problema aconteça. Além disso, o objetivo do presente trabalho, é fazer com que a informação chegue antes do problema acontecer.

O projeto experimental "Contra Ação: A Violência Obstétrica em Narrativa Transmidiática" é de extrema importância para reflexão da população em geral, assim como dos comunicadores. Primeiramente, o projeto tem grande relevância como meio de busca de informação sobre o assunto. Nele é proposto que as pessoas possam sanar suas dúvidas sobre o que é de fato a prática da violência obstétrica, os problemas causados psicologicamente por ela, como buscar ajuda para denunciar no meio jurídico, além de saber sobre os direitos durante toda a fase de gravidez e puerpério.

Foi de grande importância para a autora, as conversas com profissionais de outras áreas, tanto da saúde, como do jurídico. Todos esses profissionais compuseram a realização deste trabalho, já que foram informações esclarecedoras para todas as partes. É notório que é preciso estar bem informado sobre as duas áreas, para que este tipo de problema possa vir a diminuir em um futuro próximo.

Espera-se, que de certo modo, este trabalho sirva de inspiração para estudantes e futuros profissionais da comunicação. É necessário abordar e informar assuntos pouco falados nos meios de comunicação, temas que ainda são vistos como tabus. ainda mais sobre a saúde da mulher.

Fica aqui o alerta: a informação precisa ser passada adiante, mesmo àquelas que podem ser vistas como as mais óbvias. Mostrar e falar o óbvio é necessário sim.

7 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CNJ DE NOTÍCIAS (Brasil). CNJ Serviço: **conheça os direitos da gestante e lactante**. Conselho Nacional de Justiça. Brasília, p. 01-01. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-conheca-os-direitos-da-gestante-e-lactante/>. Acesso em: 02 set. 2021.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Lei nº 5.452**, de 1 de maio de 1943. São Paulo, SP, 2016. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1449898. Acesso em: 06 set. 2021.

CARDOSO, Laura. **Entrevista com Laura Cardoso**. Entrevistador: Brenda Tarouco Martins, Entrevista concedida para o projeto experimental “Contra Ação: a violência obstétrica em narrativa transmidiática”, desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Florianópolis, 11 de set. 2021.

Conquiste a Rede, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000095.pdf>. Acesso em 13 junho. 2020.

Conselho Nacional de Justiça. Brasília, p. 01-01. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-conheca-os-direitos-da-gestante-e-lactante/>. Acesso em: 02 set. 2021.

DONELLI, Tagma. **Entrevista com Tagma Donelli**. Entrevistador: Brenda Tarouco Martins, Entrevista concedida para o projeto experimental “Contra Ação: a violência obstétrica em narrativa transmidiática”, desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Rio Grande, 17 de nov. 2020.

FERRAZ, Nivaldo. **Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta**. Novos Olhares, v. 9, ed. 1, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166393>. Acesso em: 26 out. 2021.

FIOCRUZ. Nascer no Brasil: **pesquisa revela número excessivo de cesarianas**. Portal Fiocruz, p. 1, 30 Maio 2014. Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/noticia/nascer-no-brasil-pesquisa-revela-numero-excessivo-de-cesarianas>. Acesso em: 24 set. 2020.

FOSCHINI, A; C. TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo Cidadão faz a notícia**, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000098.pdf>. Acesso em 8.jul.2021

GESTAÇÃO, PARTO E PUERPÉRIO: Conheça seus direitos! Rio de Janeiro, 2019. 17 p. ISBN Licença CC BY-NC. Disponível em: <https://defensoria.rj.def.br/uploads/arquivos/1e6176359aae47788dc72f14f65a4a56.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Luma. **Entrevista com Luma Gonçalves**. Entrevistador: Brenda Tarouco Martins, Entrevista concedida para o projeto experimental “Contra Ação: a violência obstétrica em narrativa transmidiática”, desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Rio Grande, 20 de jul. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, M. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 15o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP – São Paulo – novembro de 2017

Lage, N. (1979), **Ideologia e Técnica da Notícia**, Petrópolis: Vozes.

LIMA, Geovana Albuquerque Félix de; LOPES, Maria Clara Aragão. **Violência obstétrica: Riscos do uso da manobra de Kristeller durante o parto**. 2019.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

MAGNO, Ana Beatriz. **A AGONIA DA REPORTAGEM: DAS GRANDES AVENTURAS DA IMPRENSA BRASILEIRA À CRISE DO MAIS FASCINANTE**

DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS. Repositório UNB, Brasília, p. 14, 2006. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6641/1/2006_Ana%20Beatriz%20Magno.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

MIELNICZUK, Luciana. **O Link como Recurso da Narrativa Jornalística Hipertextual.** Portal Intercom, [s. l.], 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/160318299140382081603311405193211973269.pdf>. Acesso em: 20 agosto. 2021.

MUSSI, Cristiane Miziara. **Inovações trazidas pela Lei nº 12.873/2013 ao salário-maternidade.** Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 20, n. 4298, 8 abr. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/32375>. Acesso em: 2 set. 2021.

OMS. **Declaração sobre a Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde.** Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO_RHR_14.23_por.pdf. Acesso em 13.maio.2019.

PALHARINI, L.A. **Autonomia para quem? O discurso médico hegemônico sobre a violência obstétrica no Brasil.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 49, 2017.

PINHO, Leonardo. **RECOMENDAÇÃO Nº 5, DE 9 DE MAIO DE 2019.** DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, n. 105, p. 77, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/recomendacao-n-5-de-9-de-maio-de-2019-149878165>. Acesso em: 15 out. 2020.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção.** Campinas, SP: Papyrus, 2009.

ROJAS, Tiana: **Entrevista com Tiana Rojas.** Entrevistador: Brenda Tarouco Martins, Entrevista concedida para o projeto experimental "Contra Ação: a violência obstétrica em narrativa transmidiática", desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Rio Grande, 17 de nov. 2020.

SALAVERRÍA, Ramon. **Convergencia de Medios** http://www.unav.es/dpp/tecnologia/pagina_8.html. Acesso em 15 setembro 2020.

SCHMITZ, Aldo. **Classificação das fontes de notícias**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

SOUZA, Maurício; MIELNICZUK, Luciana. **Aspectos da narrativa transmidiática no jornalismo da revista Época**. Comunicação & Inovação, [s. l.], 2009. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/index. Acesso em: 26 jul. 2021.

TENÓRIO, Mariana Oliveira; VITAL, Marcel Francisco. **A CASA DOS SILENCIADOS: UMA GRANDE REPORTAGEM NO CENTRO PSIQUIÁTRICO JUDICIÁRIO PEDRO MARINHO SURUAGY**. UFF, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: app.uff.br. Acesso em: 26 maio 2021.

TERRIBILI, Alessandra; MANZANO, Marcelo. **Violência no parto: Na hora de fazer não gritou**. Fundação Perseu Abramo, p. 1, 25 mar. 2013. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2013/03/25/violencia-no-parto-na-hora-de-fazer-nao-gritou/>. Acesso em: 24 set. 2020.

PRODUTOS COMPLETOS

PODCAST:

https://open.spotify.com/show/4FKJZoIndpY9WmixhHwaq1?si=KOyUlxSaTCaXHCtHOPboRg&dl_branch=1

CARTILHA:

<https://drive.google.com/file/d/1w96brc6GvuBdqk20cq-MwC-qhLmKDTZk/view>

STAND-UP:

<https://www.youtube.com/watch?v=v0OimZ50DuQ>